

Dimensão ética e estética do desejo do analista: aproximações entre a cura em psicanálise e a criação na arte a partir da tragédia de Antígona

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Resumo

O presente artigo investiga as dimensões éticas e estéticas do desejo do analista como operador na clínica psicanalítica, analisando as aproximações entre o conceito de cura em psicanálise, da pré-história da clínica ao contemporâneo, e o efeito do coro e da catarse na tragédia grega de Antígona. Constatou-se que as noções de desejo do analista, em Lacan, e de amor e transferência, em Freud, são interlaçadas como operadores lógicos fundamentais para a práxis analítica em busca de um bem-dizer possível a cada sujeito. Utilizando-se do exemplo de Antígona, na tragédia, e da mascarada, posição feminina também cara ao analista, concluiu-se que a ética da psicanálise circunda um não saber e uma dimensão de falta, não visando a uma verdade garantida, mas a uma aposta criativa, na qual sempre sobra um resto incurável, assim como a estética na tragédia e na criação artística.

Palavras-chave:

Desejo do analista; Cura; Ética; Tragédia; Arte.

Ethical and aesthetic dimension of the desire of the analyst: approximations between the cure in psychoanalysis and creation in art according to Antigone's tragedy

Abstract

This article investigates the ethical and aesthetic dimensions of the desire of the analyst as an operator in the psychoanalytic clinic, analyzing the similarities between the concept of cure in psychoanalysis, from the prehistory of the clinic

to the contemporary, the effect of the chorus and catharsis in Greek tragedy. With these approximations, it was verified that the concepts of the desire of the analyst, in Lacan, and love and transference, in Freud, are intertwined as fundamental logical operators for the analytical praxis in search of a possible “well-saying” for each subject. Using the example of Antigone, in the tragedy, and the masquerade, a feminine position also dear to the analyst, it was concluded that the ethics of psychoanalysis surrounds a lack of knowledge and a dimension of lack, not aiming at a guaranteed truth, but a bet creative, in which there is always an incurable remainder, just like aesthetics in tragedy and artistic creation.

Keywords:

Desire of the analyst; Cure; Ethics; Tragedy; Art.

Dimensão ética y estética del deseo del analista: aproximaciones entre la curación en psicoanálisis y la creación en el arte a partir de la tragedia de Antígona

Resumen

Este artículo investiga las dimensiones éticas y estéticas del deseo del psicoanalista como operador en la clínica psicoanalítica, analizando las similitudes entre el concepto de cura en psicoanálisis, desde la prehistoria de la clínica hasta la contemporaneidad, el efecto del coro y la catarsis en griego tragedia. Con estas aproximaciones, se verificó que los conceptos de deseo del analista, en Lacan, y amor y transferencia, en Freud, se entrelazan como operadores lógicos fundamentales para la praxis analítica en busca de un posible bien decir para cada sujeto. Utilizando el ejemplo de Antígona, en la tragedia y la mascarada, posición femenina también querida por la analista, se concluyó que la ética del psicoanálisis envuelve un desconocimiento y una dimensión de la falta, no apuntando a una verdad garantizada, sino una apuesta creativa, en la que siempre hay un resto incurable, como la estética en la tragedia y en la creación en el arte.

Palabras clave:

Deseo del psicoanalista; Curar; Ética; Tragedia; Arte.

Dimension éthique et esthétique du désir de l'analyste : approximations entre guérison en psychanalyse et la création artistique à partir de la tragédie d'Antigone

Résumé

Cet article étudie les dimensions éthiques et esthétiques du désir de l'analyste en tant qu'opérateur dans la clinique psychanalytique, analysant les similitudes entre le concept de cure en psychanalyse, de la préhistoire de la clinique au contemporain, l'effet de chœur et de catharsis en grec tragédie. Avec ces approximations, il a été vérifié que les concepts de désir de l'analyste, chez Lacan, et d'amour et de transfert, chez Freud, s'entremêlent en tant qu'opérateurs logiques fondamentaux pour la praxis analytique à la recherche d'un possible bon dire pour chaque sujet. A partir de l'exemple d'Antigone, dans la tragédie, et de la mascarade, position féminine également chère à l'analyste, il a été conclu que l'éthique de la psychanalyse entoure un manque de savoir et une dimension de manque, ne visant pas une vérité garantie, mais un pari créatif, dans lequel il y a toujours un reste incurable, tout comme l'esthétique dans la tragédie et la création dans l'art.

Mots-clés :

Désir de l'analyste ; Guérir ; Ethique ; Tragédie ; Art.

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido, já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
(Valença, 1983)

No começo era o verbo ou a práxis? Essa questão, proposta por Lacan (1960-1961/2010) no início de seu seminário sobre a transferência, aponta para algo muito caro à experiência analítica: a função da voz e da palavra. Como objeto pulsional, a voz que anuncia, canta ou grita, na dimensão do real de sua experiência, também pode afastar o sujeito do objeto de sua busca, suposto seja, à semelhança das sereias de Ulisses. A palavra, evocada a partir do vazio de toda criação, como símbolo, pode apresentar um mais-além.

Conforme Lacan (1960-1961/2010, p. 12), não é seu valor de enunciado que importa na experiência analítica, “mas sim o seu valor de enunciação, ou ainda de

anúncio, quero dizer, aquilo pelo qual fazem surgir o *ex-nihilo* próprio a toda a criação, e mostram sua ligação íntima com a evocação da palavra”. Isso implica dizer que há uma operação criativa em toda experiência de análise. Mas de onde emana essa criação? Qual a posição que analista e analisante ocupam nessa dupla que se enlaça, como em uma dança, mas não constitui Um par? Diante disso, qual a ética que mobiliza o analista em seu ato?

Na tentativa de responder a essas questões, ainda que sem esgotá-las, realizamos uma viagem às raízes pré-históricas da psicanálise, discorrendo sobre a noção de cura que a clínica analítica sustenta, assim como a ética necessária a essa práxis e sua relação com a arte. Pensando a pulsão evocante a partir da catarse do coro na tragédia, o presente artigo visou a explorar a relação entre a cura em psicanálise, a partir da ética do analista e de seu desejo, e a estética da criação na arte como aquilo que contorna o real da Coisa.

Arqueologia da cura em psicanálise: ética, desejo e singularidade

Inicialmente, discutimos as três tradições que se relacionam desde os primórdios com a prática analítica: a tradição clínica, a prática terapêutica e o cuidado de si. A clínica moderna data dos séculos XVIII e XIX, correspondendo a práticas e discursos bastante heterogêneos. Resultando da união da figura do cirurgião, do médico e do professor-pesquisador, segundo Dunker (2021), é a fusão de dois lugares: hospital e universidade. Sua ideia se articula com a antiga clínica médica de Hipócrates, na qual a prática à beira do leito evidenciava uma relação do médico com a doença e a saúde.

A eficácia clínica dependeria da criação de um sistema classificatório universal, pois o prognóstico do adoecimento era essencial nessa relação entre saúde e doença como repetição. Nessa lógica, não haveria nada a ser criado perante o doente, apenas identificado e tratado, uma relação de olhar que sustenta um saber prévio sobre o objeto observado, ou seja, “clínica é dobrar-se, inclinar-se diante do leito do paciente e interpretar os sinais significativos de seu corpo” (Dunker, 2021, p. 331).

Ao examinar a tradição terapêutica a partir de seu caráter de recomposição social e integração narrativa, Dunker (2021) coloca que a noção de *sanação* representa a restituição de um estado anterior de harmonia, equivalendo à diminuição do sofrimento, em sua noção moral e política. A cura apontada como a extinção da doença, em sua origem médica, liga-se à interpretação social da medicina muito mais do que seu passado na estrutura clínica. Enquanto a tradição psicoterapêutica se integra à clínica clássica em suas técnicas, a cura retém um resíduo ético nessa operação (Dunker, 2021, p. 346). Esse resto ético aponta para a produção de um saber que é singular.

Em consonância com o conceito de cuidado de si, seja na versão grega ou latina de *epimeleia heauton* ou *cura sui*, a cura diz respeito a uma experiência de produção de verdade, e não só de negação de sofrimento, admitindo, assim, uma direção, não necessariamente um fim. A psicanálise, em suas origens apontada como “a cura pela palavra”, aproxima-se da concepção clássica terapêutica na qual a fala e o símbolo eram preponderantes aos sintomas. Todavia, a psicoterapia seria impraticável nos moldes médicos. Segundo Lacan (1974/2003), a vida subjetiva não admite um estado anterior de harmonia, pois o retorno é também uma experiência que se acrescenta ao que é narrado.

Conforme Dunker (2021), a experiência é o próprio percurso que o sujeito trilha na criação de um objeto, na constituição subjetiva e na narração de sua história. Assim, propor um bem ao sujeito, isto é, a restituição de um estado de harmonia preconcebido, não garante coisa alguma. Isso aponta os limites da clínica psicoterapêutica, pois é onde ela “estanca, não porque não exerça um certo bem, mas por ser um bem que leva ao pior” (Lacan, 1974/2003, p. 513).

Colocamos essa proposta clássica terapêutica de bem e de harmonia no mesmo *hall* da fantasia de bem supremo de Platão, conforme Lacan (1960-1961/2010) aponta em seu seminário sobre a transferência. Esse bem indicaria a mesma concepção de completude visada pela perfeita simetria da relação sexual (que não existe). A dupla analista e analisante não faz Um, assim como amado e amante tampouco, uma vez que a linguagem impossibilita esse (re)encontro.

Sobre a transferência, Lacan (1960-1961/2010) vai propor que não se deve de forma alguma colocar o Bem como fim de sua ação, mas seu Eros. Para ele: “A intersubjetividade faz estancar a experiência analítica, a qual floresce apenas em sua ausência” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 24). Ao falar de Eros, ele retoma o conceito de amar e o distingue de amor. O analista deve conduzir o tratamento, não o sujeito, a um bem-dizer e a um bem-amar.

Nesse aspecto, a proposta clínica na psicanálise vai além das psicoterapias e da clínica médica, pois se relaciona muito mais com a noção de cura já mencionada por Dunker (2021) na corrente de pensamento do cuidado de si. Essa corrente se articula com a tradição filosófica contemplativa ou séria, apresentando-se como uma alternativa ativa, na qual cuidado e cura aspiram a uma transformação da subjetividade. A vida ativa nem sempre se articula com um discurso sobre um objeto de conhecimento, mas com um sujeito que aspira a essa transformação. Antes de se conhecer, é preciso cuidar de si mesmo.

O que Foucault (1981-1982/2004) apresenta em sua obra *Hermenêutica do sujeito*, sob a expressão de cuidado de si, como visto entre os estoicos, epicuristas, céticos e cínicos, aponta para a relação entre o sujeito e a verdade. Em causa estaria a possibilidade de que um sujeito (não mais em sujeição) possa enunciar e praticar uma forma de vida encontrada a partir dessa verdade (Dunker, 2021).

Um dos três momentos históricos apontados por Dunker (2021) sobre a prática do cuidado de si diz respeito ao famoso diálogo de Platão presente em *O banquete*, que Lacan usa para reler a estrutura da transferência na clínica. É importante frisar, neste momento, a importância do outro nesse processo. O cuidado começa no olhar, olhar que toma o olhar do outro como espelho, sendo este o espelho que reflete a própria alma do sujeito representado por esse outro. “O homem ama demais a si mesmo para libertar-se sozinho”, afirma Dunker (2021, p. 172), ao citar Galeno.

Dunker (2021) aponta a afinidade existente entre curar, dirigir e governar como metáfora ligada ao tempo, o que inclui o *kayrós*, em que palavra e ato convergem para o acontecimento, e o tempo de *hóra*, colocando o cuidado de si como necessário nas estações da existência. Percebe-se que a ética colocada em questão no tratamento é ímpar, implica uma libertação de si mesmo em relação tanto ao passado quanto ao futuro.

A psicanálise apareceria a partir desse cenário não só como uma psicoterapia e uma clínica, mas como uma forma de cura derivada da *cura sui*, a partir de uma práxis ética e política orientada para a construção de uma verdade singular.

Amor, desejo do analista e estética da criação à luz da tragédia de Antígona

A psicanálise como experiência aponta para uma ética do desejo que se descortina na medida em que é possível, com a estrutura de suas relações, que o analista faça semblante. Mas semblante de quê? Se aprender a amar bem, ou sofrer melhor, a partir de sua própria singularidade, é um destino possível diante do real da existência, que posição é essa que o analista ocupa, quase análoga ao de um mestre, como outrora Sócrates o foi?

A partir do diálogo de Sócrates e Alcibíades, Lacan (1960-1961/2010) identifica duas posições amorosas no nível de par, a de amante e a de amado, respectivamente *érasstès* e *érôménos*, sendo o amante o sujeito do desejo, e o amado, aquele que é o único a ter alguma coisa. A grande questão seria saber se essa coisa suposta que o amado tem viria no lugar daquilo que falta ao sujeito do desejo, isto é, desejo de outra coisa, e, diante disso, quanto seria a dose de ilusão e de verdade.

O amor se separa do desejo na medida em que a verdade é separada do saber. Segundo a lição socrática, amor é o amor ao saber, aspirando-o a uma forma mais pura, que seria a própria verdade. Mas essa verdade não configura um bem, e, sim, um objeto esvaziado. O amor apenas circunda o ser. Não se trata da inversão do par amante e amado, como semblante de objeto *a* (*agalma* que funciona como causa de desejo); o analista denuncia a limitação do ideal (Dunker, 2021).

A partir da concepção de que a prática analítica se estrutura em torno dessas relações, é possível advir o desejo como causa. O analista é aquele que ocupa o lu-

gar de objeto *a* — causa de desejo. Cabe a ele direcionar o tratamento, na medida em que o analisante, sob transferência, possa vir a falar-lhe disso. Como o lugar do desejo é um lugar vazio, de abstinência, ao analista cabe sustentar essa posição por meio de seu ato.

Para Quinet (2020), o objeto *a* se presentifica em uma análise pelo ato do analista, isto é, o desejo do analista em ato, e é na voz e no olhar que reside seu semblante. O desejo do analista só é possível se considerarmos o campo da ética na qual ele atua, uma ética destituída de moralidade, do imperativo de bem sobre mal e de felicidade.

O desejo que sustenta o ato do analista, a saber, o desejo do analista, conforme discorrido por Lacan (1959-1960/2008), é uma das condições para que haja uma ética do desejo. Assim, o desejo do analista é um desejo pelo saber, saber do desejo; é ele quem instaura no analisante a criação de um desejo pelo “querer saber disso” no lugar de um “nada querer saber”.

Essa ética do desejo é da mesma ordem da ética sustentada por Antígona, conforme pontua Lacan (1959-1960/2008) no *Seminário 7: a ética da psicanálise*, no qual se pergunta a respeito do desejo do Outro e da linha tênue entre a ética de um tempo e seu imperativo moral. Não inadvertidamente, fala-se de um tempo que é lógico, não cronológico, em análise, e como a heroína “antígona” se situa nesse “fora do tempo”.

O que se configura como cultura e morada de toda a condição humana, seu *ethos*, é justamente o que se tece em torno do Outro como absoluta alteridade e onde, paradoxalmente, ancora-se o desejo em que o sujeito abriga sua essência (Maurano, 2013). A tragédia de Antígona está no centro da elaboração lacaniana da ética da psicanálise, uma vez que seu ato é o emblema da ética do sujeito posto em cena: o sujeito da psicanálise, que, como o herói trágico, advém de uma perda. Assim como na operação da linguagem em análise e da assunção do objeto *a* na figura do analista, há um luto em questão. Mas o que foi perdido?

Debruçando-se sobre a arte trágica e a psicanálise, Maurano (2013) discorre sobre o conceito de *páthos*, o espanto que surge do homem ao se confrontar com os limites de sua condição, designado pelo termo grego *Até*, um termo precioso para pensar a ética na psicanálise. É a *Até* que designa o móbil da verdadeira ação trágica que aponta para uma calamidade fundamental, à qual o herói, movido pelo desejo, não se detém. No entanto, não se trata de abordar esse limite como um equívoco passível de remoção, a *harmatia* aristotélica; trata-se de algo muito mais radical (Maurano, 2013).

Lacan (1959-1960/2008) coloca que o objeto é, em sua essência, objeto reencontrado, sendo a sua perda um acontecimento posterior. A única maneira de saber que ele foi perdido é por meio desses reencontros. Para explicar essa estrutura fundamental do objeto perdido, Lacan (1959-1960/2008) se remete ao

conceito de Coisa. A busca desse reencontro é antipsíquica, na medida em que retorna suas origens míticas para além do princípio do prazer. Se o princípio do prazer conduz o sujeito de significante em significante, mantendo o nível de tensão o mais baixo possível, há algo que representa o vazio em torno dessa criação; um furo na subjetividade.

Esse pressuposto fundamenta toda a teoria de que a clínica analítica, assim como a arte, estrutura-se a partir de um furo no mundo da linguagem. A modelagem do vaso pelo oleiro (talvez a função artística mais primitiva) ao redor de um espaço vazio é similar à modelagem do significante e à introdução no real de um furo. Essa introdução é o que constitui toda a noção da criação *ex nihilo* de Lacan (1959-1960/2008).

Em sua obra *Nau do desejo: o percurso da ética de Freud a Lacan*, Maurano (1995) coloca que a ética, implicando uma reflexão sobre o agir humano nas mais diversas tradições filosóficas, sempre foi situada na perspectiva de um ideal a ser atingido. Mas, na clínica psicanalítica, focaliza-se em um não ideal e nos impasses e conflitos que vigoram na relação do homem com sua ação (Maurano, 2013).

Antígona atua justamente sobre esse imperativo de um ideal de bondade e bem comum — as leis de Tebas. Apresenta-se como uma heroína do impossível, não humana, e, ao responder às leis divinas, ela desfaz essa conjunção, entre as leis dos homens e as leis dos deuses. Antígona tenta inscrever simbolicamente aquilo que insistentemente não cansa de não se escrever, trazendo efeitos do Real à cena trágica.

Nessa mesma perspectiva, Lacan (1986/1988, p. 376) afirma que “é na dimensão trágica que as ações se inscrevem e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores”. Tendo dito anteriormente que “a filosofia de Freud é fundamentalmente anti-humanista”, conclui que “Freud deve ser situado numa tradição realista e trágica, o que explica que é à sua luz que podemos hoje compreender os trágicos gregos” (Lacan, 1981/1985, p. 273), conforme citado em Maurano (2013).

Para Lacan (1959-1960/2008), a tragédia está na raiz da experiência analítica mais do que em alusão ao complexo de Édipo, pela origem de sua palavra-chave: a catarse. A interpretação de catarse como descarga, ou ab-reação, é uma concepção moderna de ação que pode ser descarregada, como nos empreendimentos de Breuer e Freud, através da palavra, e tem suas origens na versão apresentada por Aristóteles em sua *Poética* ao se referir à tragédia. Habitualmente, catarse é traduzida como purgação. Em sua relação com os cátaros, isto é, os puros, está mais vinculada à purificação do que à descarga.

Posteriormente, Aristóteles fala mais sobre a catarse em relação à música. Tratava-se de um apaziguamento, da qual se esperava o efeito de entusiasmo, nem ético, nem prático. Após a exaltação dionisíaca causada por esse tipo de música,

viria a calmaria (Lacan, 1959-1960/2008). A arte trágica, com sua origem no culto ao deus Dioniso, em elegia ao estado de arrebatamento ou “fora de si”, tem, conforme Maurano (2013), o sentido de “canto do bode”, animal de sacrifício que ela associa, a partir da psicanálise, ao atrelamento do sujeito ao *phallus*, o símbolo da turgescência vital que indica ao sujeito o que lhe falta.

A operação da catarse é interessante à psicanálise, quando interpretada como meio de purificação do temor e da piedade, isto é, as paixões que detêm o sujeito em seu encaminhamento em direção ao desejo (Maurano, 2013). Lacan (1959-1960/2008, p. 299) aproxima o coro de Antígona desse movimento de purificação, quando fala que o coro são as pessoas que se emocionam, “são as emoções de vocês que estão em jogo nessa purificação”, são a elas que se destinam esse apaziguamento.

A partir disso, Maurano (2013, p. 21) propõe que tanto a tragédia quanto a psicanálise rompem com o pensamento corrente, por não permitirem a obturação da falha que existe no saber e por não reduzirem a vida à representação. É assim que a psicanálise denuncia a impossibilidade de os ideais e valores erguidos em “Nome do Pai” calarem o enigma da existência (Maurano, 2013).

A presença do paradoxo, que estrutura a tragédia, tanto quanto o inconsciente, vigora também na cura analítica. Isso porque, se o que é visado no trabalho analítico é o acionamento da função do Nome-do-pai, naquilo em que esta mostrou-se deficitária para a regulação simbólica, a cura mesma pretende, entretanto, levar o sujeito a poder dela se passar, ou melhor, a poder ultrapassá-la. (Maurano, 2013, p. 24)

É nessa dimensão que a tragédia se encontra como queda do pai, a perda de garantia em que é tocado o registro do que está para além do domínio do *phallus*. Nesse ponto, “A mulher” é colocada como enigma absoluto, no sentido da alteridade absolutamente radical (Maurano, 2013). O *Até* de Antígona é um ponto central para Lacan (1959-1960/2008), pois, além de designar o limite que a vida humana não poderia transpor por muito tempo, o limite da linguagem, é para lá que Antígona quer ir (é aí que se interessa o Coro).

Uma vez que sua vida não vale mais a pena, Lacan (1959-1960/2008) a descreve como uma figura desumana; nisso reside seu enigma, pois ela habita um *ex nihilo* e leva ao limite a efetivação de seu desejo puro — desejo de morte por excelência.¹ Na medida em que a comunidade se recusa ao rito fúnebre, Antígona perpetua e eterniza a *Até* familiar.

1 Vide duas passagens: “A tua escolha foi a vida; a minha a morte” e “Não te preocupes; estás vivas, mas minha alma há tempo já morreu, para que eu sirva aos mortos” (Sófocles, 2009, p. 225).

Conforme visto em Lacan (1960-1961/2010) e Maurano (2013), o processo psicanalítico tem como motor o amor, contextualizado como transferência. Há, com isso, o surgimento desse efeito da beleza que transporta o sujeito para além do apego ao objeto (representado pelo analista como objeto *a*). É esse aspecto que lhe confere a dimensão de infinitude, a depender do manejo da transferência.

Para ir na direção da construção de sua singularidade, isto é, uma verdade que lhe seja própria, o sujeito precisa pagar o preço do *não ser*, conforme Maurano (2013), o preço da perda da ilusão de completude ambicionada com o encontro com o objeto *a*, objeto perdido desde o princípio e que, por conta disso mesmo, como Lacan (1959-1960/2008) evidencia, ao falar da Coisa, torna-se motor. É esse o ponto extremo do destino do herói em seu percurso.

Segundo Maurano (2013), a regra fundamental da psicanálise, na qual o sujeito é convocado a falar livremente, marca a primazia do significante sobre o significado, trazendo à tona a dimensão fundamental do som, a musicalidade da fala, como aquilo o encoraja a adentrar terrenos impenetráveis por outras vias. Um apelo de sentido, sem dúvidas, mas que visa a ser ultrapassado.

Vimos que uma das dimensões da análise é a relação entre o amor e a busca do belo; quando o amor não é um fim, mas um meio. Disso, a arte pode nos falar com maestria. De que maneira, então, o desejo do analista e sua ética se assemelham à estética da criação artística? Sustentar esse desejo em sua função não é uma tarefa simples, sendo um dos impasses justamente a dificuldade de esvaziar-se subjetivamente, para se apresentar como objeto ao outro em análise. Essa posição é radicalmente feminina, na medida em que o analista faz semblante de objeto faltoso, em detrimento da lógica fálica.

No *Seminário 11*, Lacan (1973/1985) apresenta o termo da mascarada para falar da atitude feminina por excelência. Conforme Vives (2020), ao retomar a concepção de Lacan acerca do sexo feminino, a mulher cria um parecer que se substitui ao ter, e com isso mascara a falta. Como substituição, funciona em nível simbólico, não mais no imaginário, como o homem, que se identifica ao ter — o pênis — e posteriormente ao ser — o falo.

A mascarada permite à mulher manter a ilusão de uma essência feminina na mesma medida em que esconde a falta. O que ela recobre é a ausência do pênis, o que Vives (2020) aponta mais primitivamente como o objeto primeiro: a Coisa. O falo, como objeto herdado da castração, funciona na esfera de semblante, pois é também uma máscara, mas, enquanto a mascarada dissimula o real da falta, o falo o oblitera.

Vives (2020) aproxima a mascarada da sublimação, pois a primeira tenta elevar a ausência do objeto à dignidade da Coisa; trata-se de dar forma à sua ausência, não ao objeto, tal qual o oleiro faz com o barro. Com isso, o feminino seria uma criação que tende a tornar a Coisa em sua obra, ao mesmo tempo ausente e presente, assim como toda obra de arte.

Conforme Lacan (1959-1960/2008), na aproximação entre a Coisa e o *ex nihilo* da ação criativa, a arte se faz como afirmação e sustentação do espaço formado pela Coisa como fundamentalmente perdida — ponto de partida de todo movimento de busca. Isso aponta para a fecundidade do vazio e do não fálico.

O psicanalista, como a mascarada, assume uma posição não-toda e não fálica, ao ser convocado ao lugar de “sujeito suposto saber” sem com ele se identificar, oferecendo-se como objeto causa de desejo, um lugar enigmático, que visa a conduzir o analisante a querer saber mais de seu próprio desejo. Conforme Bonfim (2016), do lado do analista há uma direção ética de tratar sem visar a normatização do sujeito.

Dessa posição, o discurso do analista (distanciando-se do discurso das ciências e dos mestres) almeja que o infinito do gozo feminino questione as estruturas fálicas sobre as quais se apresenta e possa, em um ato criativo, tornar-se algo além.

Considerações finais

Conforme percorrido ao longo do artigo, a psicanálise se consolida como uma práxis em torno da ética do desejo, que não se orienta pela ética do bem maior ou da felicidade, uma vez que direciona o sujeito na busca radical daquilo o que é singular à sua própria história. A psicanálise, assim como a tragédia, propõe um confronto do sujeito (à semelhança do herói e da heroína) com a introjeção de uma lei que ordena um gozo impossível e que, por essa razão, causa tanto sofrimento.

A ética da psicanálise é a ética do bem-dizer, uma vez que desloca o saber para o campo de uma verdade sem garantias. É para além da lei fálica que se alcança o contingente de um novo significante. Nesse aspecto, a ética da psicanálise, sustentada pelo ato do analista de convocar o sujeito a questionar esse mais-além de gozo, traz a todo momento a dimensão da falta, do não saber e de um resto que permanece indecifrável — uma essência incurável.

Vimos como Antígona se situa no ponto da falta do Outro e da Coisa, um lugar vazio, que antecede a ordenação simbólica na qual os significantes se estruturam, podendo ser pensada tanto como ponto de destruição quanto como ponto de partida — a pulsão de morte em todo o seu caráter mortífero e criador. Por fim, conclui-se que o ir até o fim com seu desejo, advertido de que tal encontro é um engodo, implica um esvaziamento afetivo e passiona, um movimento de pulsão e de Eros em toda a sua potência transformadora.

Assim, a análise possibilita ao sujeito a construção de seu próprio saber a partir da perda de ideias, identificações e significantes imaginários pela criação de outras vias que contornem o furo de uma existência faltosa. Uma análise e uma obra de arte atingem, por diferentes vias, o trabalho do sujeito sobre um saber perder e, com isso, reinventar-se.

Referências bibliográficas

- Azevedo, A. V. (1999). Entre *tyché* e *autómaton*: o próprio nome de Édipo. *Percurso: Revista de Psicanálise*, 12(23), 53-62.
- Bonfim, F. G. (2016). O desejo puro de Antígona: ética lacaniana e dimensão trágica. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São João del-Rei, 5(8), 129-149.
- Dunker, C. I. L. (2021). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Zagodoni.
- Foucault, M. (2014). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1981-1982)
- Lacan, J. (1985). *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1985). *Seminário 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1981)
- Lacan, J. (1988). *Seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1986)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2008). *Seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2010). *Seminário 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Maurano, D. (1995). *Nau do desejo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Maurano, D. (2013). Da cena trágica à cena analítica. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 5(2), 19-27.
- Quinet, A. (2020). Análise online em tempos de quarentena. In Fórum do Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul (Org.), *Psicanálise e pandemia* (pp. 13-30). São Paulo: Aller.
- Sófocles. (2009). *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona* (M. G. Cury, Trad.) (15a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Valença, A. (1983). Anunciação. In *Anjo avesso* (LP). Pernambuco: Gravadora Ariola.
- Vives, J.-M. (2020). *A voz no divã*. São Paulo: Aller.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022